

IDENTIDADE DO SACERDOTE – O CONFLITO PÓS-MODERNO.

SANTOS, Rodrigo Carneiro dos (UEPG)*

A identidade é “*produto da construção da sociedade e da história onde mantém-se a relação de poder de acordo com o modelo essencialista*” (HALL, 2005, p.12)

“A identidade é construída, transformada, pois não existem identidades que não passaram por mudanças ao longo dos anos e quando isso ocorre ela muda de acordo como é vista e interpretada pelos outros. Pois as transformações sociais são tão alarmantes quanto as tecnológicas, políticas e econômicas, então as identidades que encontram se em conflito então no interior dessas transformações.” HALL (2005, p.12)

Partindo-se desta definição de identidade, proposta por HALL, pode-se tentar compreender a crise do sacerdócio na Igreja Católica que vem se estendendo durante o século XX, pois devido às constantes e rápidas transformações sociais, tecnológicas, científicas e culturais do mundo pós-moderno há, paralelamente, uma constante incerteza teológica

“(...) sobre a essência e as funções específicas do sacerdócio ministerial cristão; sobre a natureza da diferença entre o sacerdócio comum dos batizados e o específico dos padres; sobre o caráter do sacramento da Ordem; e sobre a própria instituição divina do ministério apostólico.” KLOPPENBURG (1972, p. 1)

Neste mundo pós-moderno, perdeu-se a segurança sobre a verdadeira vocação e a real função de um sacerdote dentro da sociedade. Estas mudanças atingem o homem, “*seus juízos, seus desejos individuais e coletivos, seu modo de pensar e seu comportamento com relação às realidades e aos homens*” (KLOPPENBURG, 1972, p.11), de tal forma que o sacerdote não sabe mais em que esfera deve agir, permanece entre a inadequação da Igreja frente às necessidades deste mundo em constante transformação e a necessidade de uma interação social

* O autor é graduado em Licenciatura em História e aluno regular do Programa de Mestrado em Ciências Sociais Aplicadas, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa - PR.

frente à comunidade. Isto faz com que muitos sacerdotes se dediquem a um trabalho puramente temporal, deixando de lado o ministério espiritual, a evangelização e a promoção humana para o qual foi formado. Agindo deste modo, o sacerdote torna-se meramente um ator político, um 'assistente' social, perdendo a sensibilidade para a vida espiritual.

O mundo pós-moderno, em contraposição com as estruturas rigidamente sacralizadas existentes no mundo medieval, geridas pela Igreja, também se diferencia da modernidade, onde a ruptura com o sagrado, essa secularização já substitui o teocentrismo medieval, pois, é mais dinâmico, a medida que as transformações ocorrem mais rapidamente. O homem é colocado como centro e fim da sociedade moderna tirando, portanto, o sagrado do foco.

O sacerdote, enquanto homem pós-moderno, está cada vez mais incerto e inseguro de si mesmo, cada vez mais indeciso sobre a decisão a ser tomada frente aos problemas deste mundo em constante transformação, às novas ideologias, às novas descobertas e à crescente secularização da sociedade. Este impasse dificulta a harmonização entre os valores previamente conhecidos e as novas descobertas. *“O espírito científico produz um sistema cultural e modos de pensar diferentes dos tempos anteriores.”* (KLOPPENBURG, 1972, p.11)

“Mais que nunca o indivíduo torna-se livre, autônomo também na esfera simbólica, tornando a identidade social (inclusive religiosa) algo privado, embora tal liberdade pouco tenha a dizer e influenciar, em suas escolhas éticas ou cognitivas, o todo social e as instituições sociais.” MARTELLI, (1995, p. 302)

As mudanças estruturais nas relações humanas, nas mentalidades, estabelecem novos tipos de dependência, colocando em questão os valores recebidos. Os valores herdados do passado *“já não se adaptam bem ao estado atual das coisas, causando graves perturbações no comportamento e nas próprias normas de conduta”* (KLOPPENBURG, 1972, p.12). Isto influi diretamente na vida religiosa, pois distancia o homem, através de um espírito crítico mais desenvolvido, da fé mítica e supersticiosa da religião popular, exigindo da própria religião uma postura que se adeqüe mais a esta nova fé “científica”. Para BERGER (2004, p.38), a religião é um *“empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos*

sagrado”. Então, o homem pós-moderno, em geral, não reconhece esse “cosmos sagrado” ancorado às tradições religiosas, às instituições religiosas, ele busca estas tradições, mas o faz *“a partir da subjetividade de suas experiências, sem fidelidades e identidades fixas, ultrapassando fronteiras antes bem delimitadas e borrando-as.”* PORTELLA (2006, p. 74).

A pós-modernidade traz, ao mesmo tempo, uma sociedade secularizada e uma busca pela religiosidade, mas uma religiosidade diferente, adaptada às necessidades dessa nova sociedade em constante transformação e que, justamente por não ter ainda se adaptado a esta nova dinâmica, enfrenta um processo constante de crise, principalmente identitária.

Segundo KLOPPENBURG (1972, p.12), a crise da Igreja foi provocada pela crise da sociedade, porque a Igreja não estava preparada para as novas necessidades do homem desta nova era, chamada pelo autor de *“era secularizada”*. Os sacerdotes acabaram, em grande parte, ficando à margem da Igreja, formando um *“terceiro homem”* KLOPPENBURG (1972, p.18), nem conservador nem progressista, mas um homem desinteressado na igreja institucional. Esta crise se acentua ainda mais no tocante às relações entre padres e bispos que é, na maioria das vezes, simplesmente uma relação de obediência hierárquica, não havendo, por grande parte dos bispos, o interesse num diálogo com os padres e a própria comunidade. *“Entre padres e Bispos há desconfianças, distanciamentos, monólogo (...)”* e *“(...) o relacionamento é frio, formal e diplomático.”* KLOPPENBURG (1972, p.19)

Este desencontro dentro da própria instituição religiosa aumenta ainda mais o abismo entre a formação dada aos futuros sacerdotes e a sociedade em transição do mundo pós-moderno e, no centro deste abismo está a crise de identidade em que se encontram estes sacerdotes, preparados para a vida sacramental, mas, ao mesmo tempo, em uma luta constante com a tradição institucional e as necessidades sociais.

Na análise da relação e contradições entre a tradição e relações sociais entre indivíduos, grupos de indivíduos e comunidades locais, enfrentadas por estes sacerdotes, é necessário um aprofundamento nas questões de identidade, tanto para o grupo de seminaristas, seus formadores e sacerdotes quanto para a

comunidade que acolhe estas pessoas.

Para HALL (2005, p.11), de acordo com a concepção sociológica, “a identidade é formada na “interação” entre o eu e a sociedade” (p.11). Ou seja, o sujeito tem a sua essência, o seu “eu real” (p.13), que é transformada, modificada no cotidiano, no contato com “mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que estes mundos oferecem” (p.13).

Mas, com as mudanças estruturais e institucionais do mundo pós-moderno, o homem não possui mais uma, mas várias identidades, “muitas vezes contraditórias e mal resolvidas”. HALL (2005, p. 12)

“A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente (...) (...) a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia”. HALL (2005, p.13)

Seguindo as pistas de CERTEAU (1994, p. 14), pode-se dizer que as identidades são forjadas na ação, nos usos e costumes, na apropriação.

Na pós-modernidade, a identidade, conforme definida por HALL (2005), pode ser interpretada segundo as idéias de BAUMAN (2001), como uma “*identidade líquida*” em que as fronteiras entre as coisas, entre as pessoas, entre as cidades, entre os países, em suma entre os mais diversos espaços encontra-se em um movimento permanente e paradoxal de enfraquecimento e fortalecimento. Com o estabelecimento da globalização, diversos elementos passam a pertencer a vários lugares de diferentes culturas, ao mesmo tempo em que os diferentes lugares conferem especificidades a fenômenos que são globais. Portanto, nesse sentido, ao analisar as especificidades destes sacerdotes, mesmo em um pequeno recorte territorial, pode-se perceber que, dentro deste universo regional, alguns dos problemas têm, segundo ELIAS (2000, p.15) “(...) um caráter paradigmático:lançavam luz sobre problemas comumente encontrados, em escala muito maior, na sociedade como um todo.” Portanto, dentro deste mundo pós-

moderno globalizado, as especificidades regionais são mais “globais” e mais comuns do que parecem.

As identidades, enquanto formadas a partir das relações sociais “*que garantem as definições de realidade e o reconhecimento de valores*” (SILVA, 2000), compõe o que BOURDIEU (1989, p.14) chama de “*poder simbólico*”.

“O poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo e, desse modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos “sistemas simbólicos” em forma de uma “illocutionary force”, mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é dada pela competência das palavras.” BOURDIEU (1989, p. 10)

Para BOURDIEU a produção simbólica está associada às relações sociais e a idéia de poder integrada à constituição de universos simbólicos. O que “*permite pensar “capitais simbólicos”, isto é, definições de realidade consolidadas através de um processo histórico e que legitima e valoriza determinados grupos sociais.*” SILVA (2000, p.20).

Aliado a questão da construção do poder simbólico, pode-se refletir sobre o que BERGER (1998) chama de “*a construção social da realidade*”, pois para BERGER, a construção da realidade está situada no cotidiano, onde, de fato, acontece a construção social.

Portanto, nesta nova realidade que se apresenta, enquanto construção

social em um mundo onde este processo é tão rápido e heterogêneo, tão secularizado e racional, o papel do sacerdote, enquanto ser humano e, ao mesmo tempo, representante de uma instituição tradicionalmente sacralizada, passa por um profundo processo de reflexão e transformação que, inevitavelmente, frente à esta dinâmica social, gera uma crise de identidade, se forem analisadas as divergências entre a lógica pós-moderna e a tradição religiosa.

O sacerdote pós-moderno está no centro de um processo de transformação estrutural no campo da sua formação e atuação na sociedade pós-moderna, processo este que inserido em uma sociedade que sofre constantes e rápidas alterações, é dinâmico e imprevisível, gerando portanto, contínuas e inevitáveis crises e dúvidas que, enquanto não houver uma profunda e duradoura transformação no modelo e na dinâmica da sociedade ocidental, tendem a continuar e se intensificar de modo cada vez mais intenso.

Portanto, nesta sociedade atual, com características tão divergentes e transformações rápidas e constantes, torna-se uma tarefa complexa afirmar a existência de uma identidade social comum, e esta afirmação é ainda mais incoerente no tocante à identidade do sacerdote, pois as diferenças locais, regionais, temporais e morais que permeiam a formação destes indivíduos interferem, mesmo que, de forma inconsciente, em todo o processo de aprendizagem e, depois deste, em todo o cotidiano destes sacerdotes e na sua atuação.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Individualidade**. In: Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,2001.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulus, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand Brasil/DIFEL, 1989, p.14.

De CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KLOPPENBURG, Frei Boaventura, O.F.M. **O Ser do Padre**. Petrópolis: Vozes, 1972.

MARTELLI, Stefano. **A Religião na sociedade pós-moderna**. São Paulo: Paulinas, 1995.

PORTELLA, Rodrigo. **Religião, sensibilidades religiosas e pós-modernidade. Da ciranda entre religião e secularização**. In: Revista de Estudos de Religião. São Paulo: n. 2, p. 71-87, 2006. www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_portella.pdf.

SILVA, Edson Armando. **Identidades Franciscanas no Brasil: A Província da Imaculada Conceição entre a Restauração e o Vaticano II**. 2000. Tese (doutorado em história) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2000.